

O "Godido" visto pela família

Domingo, 25 de Janeiro de 1987

* Pessoa sensível e anti-racista, características de um grande escritor desconhecido do público moçambicano

A Brigada «JOÃO DIAS» da Associação dos Escritores Moçambicanos após tomar conhecimento que ainda vivia nesta cidade (Maputo) a família Dias, não se conteve com a necessidade de ver de perto os progenitores daquele que é seu patrono e cujo exemplo os jovens escritores pretendem seguir, para, talvez, completar o sonho que ele sempre teve, de um dia viver numa sociedade moçambicana, livre de quaisquer manifestações raciais, usando para o efeito a arma infalível — a palavra.

A casa actual dos Dias situa-se defronte à Pensão Alcobaca ao longo da Avenida Anchieta, a mesma rua que João Dias, de pequeno percorria quando frequentava a Escola Primária Correia da Silva, hoje 16 de Junho (perto da Rádio Moçambique) e depois quando ia ao Liceu Salazar que tem hoje o nome da nossa heroína, Joséna Machel.

— João era uma pessoa muito sensível e a sua sensibilidade marcou o mesmo nos seus escritos palavras da irmã mais nova do falecido escritor. Trata-se da Maria Helena Dias cuja eloquência nos facultou preciosas informações sobre a infância do escritor.

A outra irmã, calada, ia confirmando este e aquele detalhe que escapava, abanando a cabeça num gesto de assentimento. Aliás, ma-

nifestando entre elas mútua compreensão que longas experiências juntas trilhadas modelaram.

Entre elas, a velha mãe do escritor também acompanhava a conversa, olhos húmidos, recordando muitas coisas que a boca não podia esgotar.

Tanto quanto pôde dizer foi. Guardo o Godinho na gaveta como a grande reliquia da família. A Sr.ª Dias referia-se a uma colectânea de contos sob o título «Godido» escrito pelo filho falecido em Lisboa no distante ano de 1949 vítima de uma grave doença. A família Dias acha que o escritor João Dias poderia ter sobrevivido à doença não fora o racismo que havia sido institucionalizado em Portugal, além das perseguições fortes da PIDE.

O escritor nasceu em Lourenço Marques (Maputo) a 21 de Maio de 1925 e encontrava-se em Portugal a cursar Direito na Universidade de Coimbra.

Hoje, batendo este artigo com uma das suas últimas cartas à família, é com um nó na garganta que leio o seguinte: Mais uma vez, chumbei. Ou antes, chumbaram-me. Fiz as frequências fui admitido a exames finais estando classificado entre os sete melhores alunos voluntários. Fiz depois as provas escritas que os professores me disseram estarem boas mas tendo-me atribuído «suficientes». Nas provas

orais, fizeram-me exames indecentes, procurando por todos os meios enterrar-me.

De novo entonia o fio da conversa a mais nova das irmãs Dias. Ele era muito sen-

ele, quando decidiram passar por uma casa cheia de tangerinas que quiseram recubar. Dando-se conta da ocorrência, o dono da casa abriu a porta na mesma altura que

Era com ele, evidentemente.

Este episódio que, à primeira vista, dispensa comentários marcou-o profundamente e levou-o a ficar

em qualquer parte. A partir de certa altura deixou até de frequentar as salas de cinema onde os seus colegas tinham direito ao balcão e a gente de cor não.

— Godido foi produto daquilo que João Dias observava apontava e analisava na sociedade em que vivia. Registava sempre nos cadernos tudo o que acontecia, diz mais adiante a irmã.

— Essas coisas de escrever ele tinha começado muito cedo. Já aos 11, 12 anos, criara com os seus amigos um jornzinho que se chamava «AURORA». Este orgãozinho circulava entre familiares e amigos. Era sempre o pai que lho batia à máquina.

— A influência do pai foi decisiva dado que sempre o via curvado, a ler e a escrever e daí procurava ocupar os tempos livres da mesma maneira que o pai. O Sr Estácio Dias trabalhava nos Caminhos de Ferro e também dirigia o jornal «O BRADO AFRICANO». Veio a falecer em 1937 e na mesma tumba onde foi enterrado ficaram os restos mortais de João Dias.

A preocupação de João Dias era de ver um Moçambique diferente e só assim se podem justificar as perseguições da PIDE. A família sentia como que uma espécie de medo pelas posições políticas que o filho tomava e ele replicava:

— Vocês têm-me pedido com certa insistência que não manifeste as minhas ideias políticas. Impossível!!! Gostaria de vos satisfazer, mas notem bem: ideias políticas de cada um não se manifestam só por aquilo que se diz mas também pelos actos praticados.

Há outra particularidade de João Dias: o amor pelas plantas. Por isso ainda hoje a casa de João Dias anda cheia delas, de diversas espécies que cobrem a vivenda de primeiro andar onde vive a mais velha das irmãs de João Dias, enquanto que a mais nova coabita com a mãe no rés-do-chão.

— João Dias não teria deixado mais coisas por ele es, critas nalguma parte da casa ou com alguém, é a pergunta necessária que a nossa brigada coloca esperanzada.

— Havia muita coisa que se podia publicar. Depois que João faleceu, as malas dele foram entregues a um estudante que vinha passar férias cá em Moçambique mas acontece que uma das malas jamais caiu nas nossas mãos.

Muita coisa tem a família Dias, para nos contar. E a nossa visita não foi a primeira nem a última. Mais contactos faremos para um profundo conhecimento da personalidade do escritor.

«Brigada João Dias»

(AEMO)



A «Brigada João Dias» da AEMO em ameno bate-papo com a família do malogrado escritor moçambicano. (Foto: Isidro Pascoal)

sível às injustiças sociais, odiava o racismo até ao extremo. E isso tudo não foi por acaso.

Um dia, conta ela um dos episódios que o amargurou bastante foi quando voltava da escola na companhia de uns quatro colegas em que o único negro era apenas

os meninos escalavam os muros, fugindo desabaladamente.

O branco, dono dos domínios, mais branco que calululou os bicotes erçados:

— Tu, seu preto ordinário, se te apanho!

João parou a perguntar aos colegas: Era comigo?

mais atento ao que se passava à sua volta. O facto de, numa determinada circunstância, actuarmos de certo modo em vez de ser de outro, tudo isso deixa transparecer as nossas ideias.

A atitude do dono das tangerineiras repetia-se nos machimbombos, nos cinemas,